



O celular na sala de aula: sim ou não?

Por: Maria Helena Braga

Articulista do IQE

Supervisora Pedagógica de Programas

A polêmica está posta e as reações provocadas são as mais diversas possíveis, entre os dois extremos: da liberação total à proibição sumária. Alguns sistemas escolares, ou escolas, optaram por tornar regra a proibição do uso dos celulares no ambiente escolar, sob o argumento de que o acesso fácil a ele compromete a atenção dos estudantes aos conteúdos das aulas. Além disso, há inúmeras alegações do mau uso desse meio de comunicação pelos próprios familiares, que desrespeitam as normas da escola ao ligar para seus filhos durante os horários de aula. Dessa forma, devido ao difícil controle que as autoridades escolares podem ter sobre o uso do celular, a solução encontrada é a interdição.

Não obstante, outras experiências precisam ser consideradas. Algumas escolas são favoráveis ao uso dos aparelhos móveis e têm conseguido tirar proveito para a aprendizagem de seus alunos com essa decisão - vale a pena consultar os depoimentos disponíveis na internet. Em 2014, a Unesco lançou as diretrizes políticas para a aprendizagem móvel, no qual apresenta evidências de benefícios à aprendizagem com o uso de equipamentos móveis, destacando-se entre eles o melhor aproveitamento do tempo em sala de aula, a facilitação da aprendizagem individualizada, a criação de comunidades de estudantes. O documento associa aos benefícios as diretrizes que podem assegurar a utilização adequada, como a formação dos professores sobre o tema, a promoção do uso seguro, responsável e saudável, o aprofundamento dos conteúdos escolares, entre eles.

É notório que os celulares estão presentes nas vidas da maioria dos adolescentes, e mesmo das crianças, talvez como o meio de comunicação mais utilizado por eles - muitas vezes, mal utilizado. Um fato bastante preocupante tem chamado a atenção em vários países: a crescente onda de postagem, em redes sociais, de fotos que revelam questões de vida íntima, ora de forma voluntária, quando a iniciativa da postagem é dos próprios envolvidos, ora de forma involuntária, quando a postagem é feita por outras pessoas. Tal situação tem causado problemas de ordem moral, psicológica, social, levando algumas vítimas à depressão, à segregação e, em casos extremos, ao suicídio.

Lembremo-nos de uma das finalidades da educação, expressas na Lei de Diretrizes e Bases: o pleno desenvolvimento do educando que, acima de ser uma determinação legal, é um princípio que deve guiar todas as ações educacionais. Será, então, que desconhecer a importância que os celulares têm assumido no cotidiano de pessoas que, sob orientação da educação escolar, estão em pleno desenvolvimento de suas capacidades, não traz consequências indesejáveis à sua formação? Fechar os olhos e deixar que as decisões sobre o uso dos celulares sejam realizadas fora do ambiente escolar não é um ato de “lavar as mãos”?

Temos, aí, dois grandes motivos para refletir a respeito do tema: o primeiro, já mencionado em artigos anteriores desta seção, corroborado por depoimentos de professores e por evidências publicadas pela Unesco, os celulares podem tornar-se grandes aliados à prática pedagógica, desde que seu uso seja orientado por finalidades pedagógicas. O segundo, o uso dos aparelhos móveis não se restringe apenas como estratégia de aprendizagem, mas deve ser tomado, também, como o próprio objeto da aprendizagem, ou seja, é imprescindível que a discussão sobre as possibilidades de uso e suas consequências seja levada às salas de aula. Não é

uma questão de liberar ou proibir, mas de tematizar os “porquês”, os “comos” esses meios podem ser utilizados em função do crescimento pessoal, do respeito ao outro, do compartilhamento de ideias e conhecimentos.

Proibir é tomar uma decisão unilateral que desperdiça uma grande oportunidade de aprendizagem. Colocar a questão em pauta, para reflexão e tomada de decisões conscientes pela comunidade escolar, em que se façam pesar os prós e os contras do uso do celular na escola, é uma forma de exercitar aquilo que se tem ouvido muito, mas, de fato, pouco praticado: o ser protagonista.